

POEMAS DO LIVRO

Homem & mulher os criou
GÊNESE: 1,27

CANÇÃO

RAZÃO DE AMAR

- 1 - *Na terra*
- 2 - *E a triunfar*
- 3 - *Belo belo*
- 4 - *Aberto o mundo*
- 5 - *São os eleitos*
- 6 - *Éros, ó Éros cruel*
- 7 - *Clarim de luz*
- 8 - *Na megalópole*
- 9 - *Agora andam acima*
- 10 - *Canta o Coro, I/II*
- 11 - *Porque o amor não existe*
- 12 - *Mãos pálidas*
- 13 - *Fontes*
- 14 - *Ei-los, sós na penumbra*
- 15 - *Tal-qual*
- 16 - *Sim, os secretos jardins*

ODE

EDIÇÕES ZAGORÁ - 1985

Orelhas do livro

O Jovem Par

*foi escrito entre 1962/85
com longas interrupções.*

Diagramação: Edivar Palma

Arte Final: Ronaldo Cunha

Composição, impressão e acabamento:

Reprograf Artes Gráficas Ltda., em Niterói, RJ.

*Terminou a impressão em
julho de 1985.*

CANÇÃO

*H*avia só trevas

*Havia só caos
Faça-se a luz!
e a luz era boa*

*Ordenadas formas:
já afiados cimos
altos vegetais
ondas ondas ondas*

*O primeiro alento
As primeiras asas
Os fortes odores
subindo da terra*

*E do jovem par
os inaugurais
gestos. Oh o grande
claro começar!*

*Luz. Coluna. Livro
Desígnio e mito
lógica invenção:
Homem e seus bens*

RAZÃO DE AMAR

1

NA terra. Aqui, no antigo chão

Floriu? Quantos sóis
obscuros para o colorido
desta dádiva

Não, não se desplume!
Dias distâncias ânsias
e esperas – enfim
a hora redonda
entre rumor e gentes apressadas
Luzes
luzes que logo se acendem
e molham o asfalto

O corpo é episódio; restam lábios
instrumento de voo
Diálogo com a só melodia dos amantes
Voz do universo

E A triunfar
dentro deles a primeira
música dual!

Longa longa a idade
em que um tempo habitavam
onde brilhavam grandes palmas
Doces mão erguiam-se
a penteá-los
um carneiro arremetia com seus cornos
nadavam peixes vermelhos numa água
lúcidos gravitavam
nivelando nomes duas calendários

Guiados
sem o saber guiados
por Vésper a arder no alto

BELO belo o giro tenso
dos pássaros no espaço
Mais belo o jovem par
e seu segredo
Rodam nas mãos a chave
a chave azul
azul do sonho

Sob verde copa
flanco contra flanco calam
E logo de-novo hão de partir
desmedidos líricos libertos:
e as geografias começam não terminam...

Rosalvas nuvens nuvens
noivas. Para onde vão
essas rainhas ?
Leves leves os pés que levam asas!

ABERTO o mundo. Muralhas ruem:
horizontes horizontes!

Despertos remontam
entre os homens e as urgências
Convergentes pensamento
e igual palavra os une
Uníssonos
em gesto e voz
atestam amarras, penhor de filamentos
do grave-leve fardo

Fazem uma prega no tempo
o tempo para
As coisas os acolhem. As coisas
Nem elas são espectadoras mas partícipes
Tudo é matéria-prima no mundo que os amantes
com exatas mãos vão modelando

SÃO os eleitos

Quem entre os generosos
mais generosos?
Altivo porte aí-vão, ela com suas jóias
diante do solarado mar deste verão
que arredonda para eles ondas verdes

O vento arrebatá-lhes os cabelos
as pernas são de estátuas

E as fontes a manar
oh! o fundo ferimento:
herdeiros do sangue

-caminho do real -
aprouve o fossem da paixão

Aprendizes e no tempo? Na verdade
noutra perspectiva já se movem

EROS, ó Eros cruel
superabundância tanta
e tão pequenos!
sobre-humanamente frágeis para contar
a caudalosa essência
O amor dói
Telúrica tristeza
baixa de-repente imobiliza-os. O amor dói

Devastados os contornos, o céu fecha-se
Agora negrume e dúvida: naufrágio
Faz noite. Espelhos
multiplicam a treva-terror. O ser amado?
quimera que a crueldade
de uma febre finge e a demência

TUDO INEXISTE. O DESERTO. SÓ
O DESERTO O DESERTO E O DESERTO

CLARIM de luz

o Sol pulveriza-se em átomos:
manhã sobre a terra. Manhã dentro deles
Os amantes renascem cada amanhecer!

A vigília-desespero dissipou-se
dissipou-se a turva dúvida:
 mais nítidos assomam
Os amantes renascem cada amanhecer

Ao redor
no livre ar sem palavra de boca
pupilas desafiantes
 derramam fulgores e surpresas
Caín, os prodigiosos
abrem os olhos abandonam-se consentem
 perenemente novos e inéditos

NA megalópole
airosa presença – uma FLOR
A delicada grimpã na haste
trama-luz no asfalto
chove longipétalas encarnadas
 e perfuma
quando o vento bate

FLOR
que os executivos não vêem
as secretárias não vêem
mãos não recolhem
nem na hora em que a rotina se troca
 na hora louca do rush
Virgem inútil? Criatura de ninguém ?

Uns olhos a vêem só uns olhos
e ela sorri para eles – a FLOR dos amantes

AGORA andam acima
já abaixo
deslizam entre os mais, toda hora breve

-Éi! que afã é esse...
Bailarins?
Picou-os a tarântula?

Idos os prelúdios em que se entreolhavam:
a saquear por toda a parte
três mil tentáculos
mil necessidades
E já atulhado o armazém
no inventário e partilha incluídos
nem vindima nem grão há que os farte
Morosíssimo os outros eles rápidos
compondo alegrias e doçuras

I

DEIXÁ-LOS! tanta burla e usura
é destreza
é razão de amar

Deixá-los ir! não há aí desamor
Estão centrados num construir
que é profusão de maranhados fios

Deixá-los ir! e há que perdoar
aos felizes amantes os cegos olhos
para quanto não trás notícias deles

Deixá-los ir! Investem
e perfeitos em cada momento
só merecem louvor
porque no ritmo secreto do agir
são o conhecimento pelo amor

II

INSCREVEM-SE no catálogo dos ilustres
Chamam-se

Tristão & Isolda
a sábia Heloísa & Abelardo
Julieta & Romeu
Lennon & Yoko Ono

Admiráveis
dão-se as mãos
e não duvidam –
a terra existe para eles
o fogo existe para eles
o vento existe para eles
para eles cai a chuva
a máquina está-aí para conforto deles

OS AMANTES! PARA NA NOITE–INVERNO FESTEJAR
NA MANHÃ–PRIMAVERA JÁ ENTESOURAM

PORQUE o amor não existe
seria algo finito e acabado, eles o sabem

O que existe é o amar: edificar
a cada instante ir recriando o outro

O que existe é o amar: feito de barro
e sopro de paixão, como é tangível!

Dois na aparência
dois para melhor ser-um
tal no reinar outrora
em que eram todas as coisas e nenhuma

O que existe é o amar: vigilar
noite adentro pela madrugada
alento insuflar a um outro
que quer render-se já

O que existe é o amar
Amar? – o desafio à morte

MÃOS pálidas

os pacíficos vão esculpindo
os amoriados túmulos

Os guerreiros –
estes aprestam as lanças e os elmos
nos nervosos cavalos os estandartes erguem
e arrojam-se

Amantes o sabem
nada nesta guerra é dado nada:
não moram o eterno
humanos e agônicos
não são deuses

Atrever. Regar de virtú a arena
romper por campo raso combatendo
AGONIZAR É DIZER NÃO MORRER NUNCA
LEVAR A FRONTE ERGUIDA DOS QUE OUSAM

FONTES

marcam encontro com o mar
raízes buscam o chão
planam aves aos pares
O que não-é aspira
modos luminosos
Todo ser precisa de outro ser

(No âmago de uma hora amarga
hora-outono talvez gritem: terminar!
terminar! terminar!
tão selvagem é a dor, a da renúncia)
Sim, todo ser precisa de outro ser
ó Eros, filho de Pênia e da Ebriez!

Amantes!izei bem alto a verdade do amar
Proclamai a vossa intimidade com o mais fundo

EI-LOS – sós na penumbra
do leito os jovens corpos
na nudez de homem e mulher
pelo mesmo desejo cimentados

Dispensadores do tesouro
em gênio e rubra adesão
pelos amantes flui o fervor
flui o gozo o sêmen a fantasia

Atentai bem!
são, protegidos por seus méritos
oferenda e holocausto
... de outro modo
espectros cheios da culpa de uma noite
havia de os negar o alto meio-dia
o alto meio-dia que os aprova

TAL-QUAL o vermelhar da rosa no capulho
que em círculos entorna aroma
seu pudor
o amor ama
e ama porque ama, o amor
Mas regougam feras nos fojos
pântano ciladas outros frêmitos
estão presentes são ativos

Qu'ê deles? – os nupciais – ali
onde jorravam água; saltarinas, ali
onde a serpentina
plumagem de dois cisnes o alvo colo alongava?

Tudo conspira
então prenúncio de desastre
O dom maior, a beleza, ah! a beleza
é terrível; a posse? – o limite

SIM, os secretos jardins jamais!

Nascidos

para entrá-los quedar não
seria despedaçar os elos
morrer do nada que mata

Lá estão caricatos no tríptico de Bosch
na demasiada humana paisagem
de frutos fáceis
de estranhas aves cúmplices
os grotescos grupos
em aquáticas azuis-delícias:
paraíso irreal de crianças ignorantes

Amor, ó Amor! ilustre sábio! Além
para além do mais alto, lá
o lugar destes – os magníficos –
ALI ONDE MUNDO A DOIS É TRANSPARÊNCIA

ODE

AUDAZES amantes
este ser o que é
libertos já
daquilo que parece

Este através do outro
inquieta renascer
intensa intensamente
dar-se por inteiro

E a dor esquecer
e que nome não tem, embora
modo precário Amor chamamos
só em parte nos pertence

Quilha contra o vento
Aventura sem guia
vamos pralém de nós
lançando nossas redes

Sempre e ainda. aqui
o novo começar
Ressoa pois, ressoa
porosa melodia!

ORELHAS

O JOVEM PAR, relaciona-se com o anterior livro de XAVIER PLACER, de 1979, ELOS/EROS.

Mas, enquanto ELOS/EROS trata o tema do amor ao nível psicológico, este coloca-o ao nível transcendental.

Naquele, a experiência da paixão é existencial, dramática; neste, sem negação da corporeidade, eleva-se à região onde tudo é ordem e lei. Reflete-se isto desde o rigor na ordenação do livro: CANÇÃO (o surto-criador); RAZÃO DE AMAR (o liber amoris); e ODE (o triunfo)

O objetivo de XP é que a expressão não interfira na ideia, nem a ideia na expressão, – para que o tema viva por si, viva em todas as suas divisões prismáticas, flagrantemente.

Assim, estrutura e estilo são o corpus de O JOVEM PAR. Que sustenta-se em cada linossigno e no texto o tom alto do discurso.

Os ritmos, treliças a estear as unidades poemáticas, organizam as imagens, as metáforas, as aliteraões, em suma, palavra e conceito.

Aqui, o amar subentende a posse, mas vai além. A epígrafe bíblica já aponta para a intenção telúrica, universal.

As coisas, todas (a Natureza) comungam com os jovens amantes na imanência-transcendência das afinidades.

Nem há que buscar petrarquianos. Nem lyricismos outros. É uma história do amor hoje; que no tempo e espaço se apresenta gestual, coreográfica, vivaz. Poesia.

HUGO TAVARES